

HISTÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO SÍTIO CACHOEIRA MUNICÍPIO DE JUCATI-PE

Valéria da Silva Conceição¹

Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos Vasconcelos²

RESUMO: Fazer o registro das histórias de vida de um determinado grupo é também uma forma de não deixar que essas se percam no tempo e com o tempo. Assim, este trabalho surgiu do interesse de conhecer como se deu o processo de escolarização de pessoas moradoras do Sítio Cachoeira, localizado no município de Jucati, no agreste pernambucano, a partir da década de 1950 até a década de 2010. Utilizou-se a metodologia História Oral, mas, especificamente o seu gênero história de vida, fazendo uso de entrevistas semi estruturadas, que, segundo Thompson (2002), é o primeiro passo para desenvolver os desfechos das suas narrativas. Tal instrumento foi aplicado em dezembro de 2018 a quatro moradoras do referido sítio, com faixa etária de 20 a 76 anos. Assim, foi possível identificar o quanto a educação foi importante e necessária na vida dessas pessoas.

Palavras-chave: História oral. Narrativas de vida. Escolarização. Educação.

SUMMARY: Keeping track of the life histories of a particular group is also a way of not letting them get lost in time and over time. Thus, this work emerged from the interest of knowing how the process of schooling of people living in Sítio Cachoeira, located in the municipality of Jucati, in the rural state of Pernambuco, occurred from the 1950s until the decade of 2010. The methodology Oral history, but specifically their gender history of life, making use of semi-structured interviews, which, according to Thompson (2002), is the first step in developing the endings of their narratives. This instrument was applied in December 2018 to four residents of this site, with ages ranging from 20 to 76 years. Thus, it was possible to identify how much education was important and necessary in the lives of these people.

Keywords: Oral history. Life narratives. Schooling. Education.

INTRODUÇÃO

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns; email: vall_conceicao22@hotmail.com

² Doutora e Docente na Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns; email: normamvasconcelos@gmail.com

Falar sobre educação nos leva a uma reflexão da sua importância na vida das pessoas em diferentes espaços e grupos sociais, dos quais toda e qualquer pessoa humana faz parte. Tendo início com a família, passando pelo grupo igreja, vizinhança, escola, trabalho e o envolvimento nos movimentos sociais, é através da convivência que nos educamos e desenvolvemos na sociedade. Mediante, o estabelecido pela Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB Nº 9.394 de 1996, em seu Capítulo I, no respectivo Art. 1º, diz que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996, p. 1).

Dessa forma, cabe salientar o quanto a Educação está presente em nossas vidas dentro e fora do ambiente escolar. Sendo um direito de todos, a instituição “Escola” deve ser valorizada tanto na área urbana, quanto na área rural, de modo a propiciar aos indivíduos condições de uma educação igualitária, mesmo estas, tendo suas especificidades. Assim, Caldart (2003, p. 73), complementa que “[...] escola é lugar de formação humana, significa que ela não é apenas lugar de conhecimentos formais e de natureza intelectual. A escola é lugar de tratar das diversas dimensões do ser humano [...]”. Portanto, ao se referir aos diversos segmentos da vida em sociedade, é preciso tecer um olhar sobre as histórias de vida e conseqüentemente o processo de escolarização de pessoas que, com suas narrativas, desvendam a história da educação no Sítio Cachoeira do município de Jucati-Pernambuco.

O interesse deste estudo se deu a partir da história de vida da pesquisadora, nativa desse local. Que desde criança tinha um sonho de pesquisar e registrar as histórias que contavam sobre a educação do seu sítio. Para a concretização desse sonho, está pesquisadora, além de ter forte a sua fé e a certeza da presença de um Senhor que nunca a desamparou, apesar de lutas, lágrimas, medos, incertezas, se sentindo cada vez mais próxima para a realização desse sonho e também pôde rever em sua memória as suas histórias de vida que a transformou e fez perceber no “outro” o quanto ele é importante para alguém e para comunidade.

Este estudo nos fez refletir sobre fatos e transformações que aconteceram na história da educação do referido local, por meio das experiências vivenciadas por moradores desse espaço e que estudaram nessa comunidade. Diante disso, essa pesquisa se objetiva em conhecer como se

deu o processo de escolarização de pessoas moradoras do Sítio Cachoeira localizado no município de Jucati em Pernambuco a partir da década de 1950 até a década de 2010. Para efetivação da mesma, foram levantadas as seguintes questões: Como foi a trajetória educacional a partir das memórias e experiências narradas? Se houve e, em caso positivo, qual ou quais fato(s) influenciou/influenciaram seu percurso educacional? E, se e, como essa influência contribuiu para o processo de transformação da comunidade? Para responder a estas questões, foi usado o seguinte objetivo: identificar, através das histórias e memórias narradas por atores que viveram a partir dessa época e nesse local, como eram desenvolvidas as práticas pedagógicas ao longo das suas trajetórias educacionais e quais as transformações ocorreram nesse contexto.

A metodologia utilizada foi através da abordagem qualitativa por meio da História Oral - HO, que, segundo Alberti (2004, p. 9), é um “terreno de diferentes versões e subjetividade por excelência”. Ademais, Vasconcelos (2018, p.25) diz que “A experiência vivida pelo ser humano me encanta e me fez escolher essa abordagem, a fim de conhecê-la a partir de narrativas extraídas de suas memórias vividas, cheias de emoções, tensões e reações singulares constituídas na relação com o outro”. Dessa forma, passamos a conhecer a história de vida do outro, vivendo a experiência de uma determinada época, como se estivéssemos também vividos essa cronologia. Ademais, Alberti (2014) e Vasconcelos (2018), apontam que:

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Esse método reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas (ALBERTI, 2014, p. 22 apud VASCONCELOS, 2018, p. 26).

Dessa forma, procedem-se algumas considerações acerca dos caminhos metodológicos proporcionados pela HO. Pois, de acordo com Meihy (2014), existem quatro gêneros de história oral: de vida, temática, testemunhal e de tradição oral. No caso deste estudo será abordada a História de Vida - HV. Assim, Vasconcelos (2018, p. 26), afirma que, “como o próprio nome sugere, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de um sujeito-depoente, que tem maior flexibilidade para dissertar sobre sua experiência pessoal”. Desse modo, as experiências vividas são únicas em cada pessoa, e cada qual, pode discorrer por intermédio da sua memória.

Silva (2007), complementa:

Ao contar sua vida, o sujeito fala de seu contexto – fala do processo por ele experimentado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido. Ao se trabalhar o vivido subjetivo dos sujeitos, através do método de História de vida, temos acesso à cultura, ao meio social, aos valores que ele elegeu e, ainda, à ideologia. (SILVA, 2001, p.32 apud VASCONCELOS, 2018, p, 26).

Associada à metodologia referida, buscamos nas ideias de Lev Vigotisky (1896 -1934), a compreensão do contexto sócio histórico, aqui apresentado através da sua abordagem histórico-cultural. Sua teoria apresenta aspectos fundamentais de como o homem se humaniza, reconhece a sua historicidade e valoriza a “transmissão” do conhecimento socialmente adquirido.

Para Vigotski (1984), desde o nascimento, o homem é um ser social em desenvolvimento e todas as suas manifestações acontecem porque existe um *outro*. Um outro que é social e torna-se altamente significativo para as crianças que estão se desenvolvendo, mesmo quando ainda não se utilizam da língua compartilhada socialmente. Para esse mesmo autor, a constituição cultural acontece pelo outro e com o outro, uma vez que atribui que a cultura é o produto do homem em sociedade.

Dessa forma, acreditamos na relevância de um estudo que vai contribuir com a história da educação desse município, uma vez que não desconhecemos produções científicas específicas nesse local para esse fim.

2- OS CAMINHOS DESVELADOS POR MEIO DA HISTÓRIA DE VIDA

A partir do interesse em conhecer as histórias de vida, foram traçados os caminhos para a realização das entrevistas, tendo como base o que norteia as normas metodológicas da História Oral. Assim, acrescenta Meihy (2011) “este método se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado”.

No que refere-se ao preparo de entrevista, Thompson (2002), afirma que:

No correr de toda a entrevista, sempre que você obtiver um fato insuficiente, que considere que pode ser elaborado utilmente, você pode inserir uma interjeição provocadora - Isso parece interessante'; ou, mais diretamente, 'Como?', 'Por que não?', 'Quem era esse?'. O informante pode, então, pegar a deixa. Se, depois de alguns comentários, você quiser mais, pode ser mais enfático ('Isso é muito interessante'), ou um pouco provocador ('Mas há quem diga que [...]'), ou experimentar uma pergunta suplementar mais completa (THOMPSON, 2002, p. 260).

Assim, o pesquisador torna-se importante no direcionamento da entrevista realizada, mediando a história narrada. Vasconcelos (2018, p.106), acrescenta que “uma boa entrevista vai fazer grande diferença no processo de análise e interpretação”. Contudo, se a entrevista não for bem interpretada, os resultados não vão atender de maneira satisfatória. Porém, não devemos fantasiar os dados objetivados na entrevista. Essa mesma autora, acrescenta sobre a entrevista que, “trata-se de um método de grande responsabilidade por parte do investigador, é preciso observar e considerar todos os dados colhidos, assim como o tempo cronológico e o período da investigação” (p. 26). Dessa forma, é necessário estar atento aos mínimos detalhes narrados.

Tudo foi registrado através de gravação em áudio do celular da pesquisadora, possibilitando uma maior liberdade para a observação e registros posteriores. É importante, destacar a receptividade e vontade das colaboradoras³ em contribuir com as entrevistas.

Após cada gravação, foi realizada a transcrição para texto escrito. Além da entrevista, Meihy (2011), destaca mais duas etapas fundamentais para o desenvolvimento da HO: a transformação do oral para o escrito e a validação, das quais foram também consideradas para a execução deste trabalho.

Na transformação do oral para o escrito foi feito a transcrição das narrativas, tarefa essa exaustiva e que demanda tempo. Segundo Meihy (2011, p. 107), “Para cada hora de gravação, cerca de outras cinco horas são usadas”. No caso desta pesquisa, tais dados quantitativos se aproximaram, foram utilizadas em torno de quatro horas.

Para registrar as narrativas, foi entregue o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, sendo esse apresentado às colaboradoras da pesquisa, e explicado os devidos fins. Nesse momento, elas solicitaram e assinaram, permitindo fazer uso dos seus respectivos nomes durante todo desenrolar da pesquisa bem como para publicações futuras.

³ Para Meihy (2011) na metodologia da História Oral o termo colaborador é o que deve ser utilizado para as pessoas entrevistadas.

Participaram quatro mulheres com faixa etária de 20 a 76 anos de idade, todas moradoras do referido sítio, que trouxeram narrativas vivas, memórias únicas, traçadas por contextos históricos, sociais marcados por diferentes épocas. Os critérios para a seleção dessas participantes foram: ser moradora do Sítio Cachoeira e também porque estudaram na comunidade. Durante a transcrição, foi feita uma seleção de trechos das narrativas que foram agrupados para a realização do cruzamento das histórias de vida e suas análises, que será apresentado no decorrer deste trabalho.

A validação ou devolução do texto final às colaboradoras foi a fase da conferência que ficou pronto para possível divulgação após assinatura das entrevistadas, o que aconteceu durante a finalização deste trabalho. Para Meihy (2011), a validação está no verdadeiro valor interno do texto devidamente confirmado pelo colaborador, e que se insere nas especificidades próprias desse método.

3- AS COLABORADORAS EM CENA

Para fins deste, foram feitos recortes de narrativas das referidas participantes, visando apresentar o processo de escolarização e suas transformações vividas nessa comunidade.

Para efetivação da pesquisa, valorizando e registrando as histórias de vida, surgiu o interesse em conhecer de forma mais detalhada as pessoas escolhidas. Assim, daremos início com a apresentação do quadro abaixo, que contém os dados das mesmas, seguindo o critério da faixa etária, ou seja, da mais velha para a mais nova.

Quadro 1- perfil das colaboradoras em relação a idade, escolaridade e profissão.

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão
M ^a Aparecida B. Cordeiro	76	Primário Antigo (Mobral)	Dona de casa/ Agricultora
Salvani Cordeiro Barros	46	Pós-graduação em Geografia	Professora
Marcella Borboleta da Silva	36	Graduação Contabilidade	Contabilidade
Raiane da Silva Conceição	20	Graduação Incompleta em Licenciatura em Pedagogia	Estudante/ Agricultora

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2019.

Como visto acima, o percurso de escolaridade das colaboradoras constitui-se da seguinte forma: Uma cursou apenas até a 4ª série do Primário Antigo MOBREAL⁴, duas concluíram curso superior, sendo uma Especialista em Geografia e a outra graduada em Contabilidade, com formação incompleta em Serviço Social, ambas cursaram em faculdade particular e a quarta atualmente está cursando Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Após tal apresentação, iniciaremos o cenário por elas narrado, a partir de aspectos de suas histórias de vida no tocante à família, igreja, vizinhança, escola, trabalho e envolvimento nos movimentos sociais. Dessa forma, foi proposto, que elas contassem um pouco sobre a sua vida.

Nesse contexto, apresentaremos alguns trechos que irão elucidar os caminhos traçados para obtermos os objetivos deste trabalho, destacando em negrito os aspectos que serão analisados.

Seguindo em ordem cronológica, iniciamos com o seguinte relato:

*“Minha história de vida, acho que acho que um papelzinho desse, não dá pra escrever tudo. (risos) ...eu tive várias partes de vida, né?. Minha infância, muita coisa de ruim, eu sempre falo que eu não tive infância, e que a adolescência também não passei... adolescência, eu casei logo, eu fiz 18 anos, já fui cuidar de casa, dos meus filhos, criá-los, ajudar na roça, e a minha vida foi essa só de trabalho. Cuidar de casa, da roça, criando 7 filhos, é! **Graças à Deus**, sempre teve uma vaguinha pra eu dar uma ajudadinha a quem precisava né?. **Nunca faltou um doente aqui pra eu cuidar, mas Graças à Deus sempre deu certo. Já que eu não tive uma infância boa, mas meu casamento foi muito bom, Graças a Deus. Fiz 57 anos de casados, é, ai Deus chamou meu companheiro, e eu estou aqui esperando, também.**(M^a Aparecida, 76 anos).*

Ao contrário do que relata na fase adulta (após ter casado), a infância e adolescência não foram momentos vividos de forma positiva na sua vida. Observamos que a experiência da mesma, enquanto criança e adolescente vivida na década de 1950 sofreu influência da época e cultura local, sem ser considerada a natureza da infância. Sobre isso, Souza acrescenta que:

[...] a criança e sua infância não representam, por conseguinte, a natureza purificada em estado virgem. Nasce marcada pela cultura mesmo que sem ainda

⁴ O Movimento Brasileiro de Alfabetização - iniciado em 1964, foi um novo programa pedagógico para erradicar e controlar o analfabetismo no Brasil. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/mobreal-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 06 de fev. 2019.

apropriar-se dela por completo, cresce como natureza em função das suas necessidades – comuns e específicas [...] (SOUZA, 2007, p. 74).

Ainda, quando relatado que a infância e a adolescência não foram fases bem vividas pela colaboradora, percebemos que esse fato se deu devido às atividades domésticas desenvolvidas, o que era algo culturalmente presente nos mais variados lares dessa comunidade nesse período. Desse modo, essa colaboradora não viveu a natureza da sua infância como atualmente a legislação estabelece. Todavia, tanto as atividades domésticas, quanto os momentos de lazer, brincar e estudar devem ser ao menos respeitados, conforme o Estatuto da Criança e Adolescentes (ECA), no seu Art. 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, ... à educação, ... ao lazer, ... à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990, p. 1).

Percebemos também na narrativa da Sra. M^a Aparecida a presença e força da sua fé, quando no mesmo trecho ela menciona por três vezes a expressão “*Graças a Deus*”. Assim, quanto a prática da fé em Deus, Aragão (2002, p. 4), afirma que, “ a fé popular em um Deus criador e sustentador da vida e do mundo, através dos seus espíritos e santos, é um alento à necessidade que o povo tem de recriar a existência”. Desse modo, ter fé em Deus, é uma forma de manter aceso o diálogo com Deus, e também uma satisfação pessoal em algo que acreditamos, o que para esse autor, vigora sua existência no mundo. Quanto a sua história de vida, a Sra. Salvani, nos relata o seguinte:

“Eu... Eu nasci numa família que... tem uma tradição de habitar essa região há muito tempo... eu sou representante da família Barros e da família Cordeiro daqui da região de Jupi que se estende a outros municípios também Jupi/Jucati... Desde de pequena a gente.... morando nesse sítio, aqui nessa área rural a gente aprendeu né? o valor da educação, há uma preocupação, sempre houve uma preocupação, mesmo por toda a simplicidade do nosso lar e toda simplicidade do/da educação que a gente recebeu dos nossos pais, mais a preocupação da gente sempre foi... a gente estudar... a gente pra fortalecer essa ideia de perpetuar aquilo que a gente aprendeu com os nossos ancestrais a gente tinha que valorizar esse conhecimento né? Através da escola, buscar esse conhecimento”. (SALVANI, 46 anos).

Percebe-se em relação ao que foi narrado pela Sr^a Salvani, que seu processo de escolarização aconteceu de forma diferenciada da colaboradora anterior no que se refere ao seu ingresso e permanência no espaço escolar, visto que, mesmo sendo moradoras do mesmo sítio e pertencentes à mesma família (mãe e filha), existia uma maior preocupação com a valorização do ensino, que pode ter sofrido influência devido à diferença cultural dos tempos em que elas viveram, somada às condições de vida da primeira depoente.

Atualmente, a preocupação referida por essa colaboradora não existe apenas no âmbito da família, ela parece ter sido ampliada ocupando lugar de destaque em legislações mais específicas que tratam da educação, como por exemplo, o que estabelece os Princípios e Fins da Educação Nacional, da LDB nº 9394/96, no seu artigo Art. 3º quando estabelece que o ensino deve ser ministrado com base no princípio de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

Entretanto, apenas o que está na legislação não é suficiente, deve existir uma questão de bom senso dos legisladores, passando pelo compromisso com a formação de educadores e o respeito às condições sociais e culturais de seus alunos e da comunidade em que a escola está inserida.

(...) É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 26)

Nesse contexto, esse autor vai corroborar também com as narrativas da Sra. Salvani, quando destaca que “*Desde de pequena a gente... Morando nesse sítio, aqui nessa área rural a gente aprendeu né? ... Mesmo por toda a simplicidade do nosso lar e toda simplicidade da educação que a gente recebeu dos nossos pais*”, portanto, destacamos aqui o nosso bom senso na busca pelo respeito e dignidade às pessoas dessa comunidade.

Ainda no relato dessa senhora, percebe-se a presença da família na sua infância e o incentivo pela prática de estudar. Assim, sua narrativa corrobora com Vasconcelos (2018), quando diz que:

Entende-se que a família é também a primeira instituição social mediadora entre o homem e a cultura. A criança, por meio dela, vai se constituir e ser constituída nas relações afetivas, social e cognitiva, recebendo significados e práticas históricas e culturais que vão refletir na sua cognição (VASCONCELOS, 2018, p, 119).

Desse modo, podemos afirmar que é na família que se inicia os valores culturais para o desenvolvimento da aprendizagem e da vida em sociedade. O que já vem sendo preconizado por Vigotsky (1997 apud OLIVEIRA, 1997), no que concerne a interação entre os sujeitos, para o desenvolvimento e aprendizagem. Assim, o ser humano precisa manter contatos com outros seres humanos para poder se desenvolver-se, a partir desses contatos, construir novos conceitos.

Para Vigotski (1983), é a partir da interação entre diferentes sujeitos, que se estabelecem os processos de aprendizagem, de modo que, a criança se apropria da cultura construída pelos homens e mulheres, por meio da interação, de modo a utilizar esse conhecimento, atribui sua relação e seu entendimento sobre o mundo em que vive. Na interação com o outro, o indivíduo, passa a compreender e dar sentido a elementos e fatos da sua realidade, passando assim, a ter autocontrole e ao mesmo tempo ter domínio sobre seus atos e escolhas. Para esse mesmo autor, a interação do meio físico e sociocultural possibilita condições de aprendizagem. Porém, tais condições estão diretamente associadas ao ambiente sociocultural e às condições históricas de cada sujeito.

Ainda, sobre a presença da família e da educação. Observa-se a narrativa a seguir:

“Embora minha mãe tenha sido mãe solteira, meu pai foi embora eu tinha três anos de nascida, tracei muitas batalhas, mas entre idas e vindas o histórico da minha família é um histórico muito bom, em relação aos estudos, sendo dos meus ancestrais a questão de trazer a educação pra o setor, e visando isso, visando as pessoas da minha família que se tornaram professores, médicos, doutores eu procurei nesse incentivo crescer profissionalmente, tanto é que acabei me formando. Acho que eu seja a primeira da família formada em contabilidade, por que noventa por cento são professores. Agora tem três ou quatro na parte de medicina, mas o restante todo mundo professores”. (Marcella, 36 Anos).

Para a Marcella, assim como para a sua prima, Salvani, a educação ocupou um campo significativo em suas vidas. Pois, como corrobora Oliveira (1997, p. 37), baseando-se nas teorias de Vigotsky (1997), “[...] os grupos culturais em que as crianças nascem e desenvolvem funcionam no sentido de produzir adultos que operam psicologicamente de uma maneira particular, de acordo com os modos culturalmente construídos de ordenar o real [...]”. Desse modo, o ciclo cultural em que a criança está inserida possibilita contribuição para o desenvolvimento psicológico.

Diante das narrativas das colaboradoras, foi possível perceber que a educação escolar esteve presente na vida de ambas. A colaboradora seguinte, narra também seu processo de escolarização e vai apresentar novas formas de ensino. Ela traz à tona lembranças marcantes, especificamente, de quando era estudante na Escola Olindina⁵, como pode ser observado a baixo:

“Minha infância foi... tranquila, iniciei os estudos com quatro anos de idade na escola Antônio Teixeira, em, que, na...na mesma cursei é a pré-escola, alfa, é a primeira, segunda e terceira série, que antes era série, hoje temos o ciclo que se refere a anos. Houve dificuldades financeiras, pois como meus pais são agricultores. E somos em nove filhos, sempre havia a questão de adquirir o essencial para nós né? Mas, é... meus pais são grandes guerreiros, que em frente às dificuldades tentam corriqueiramente nos dar o melhor que podem né? Sempre estudei mais Daiane, minha irmã. Depois fui pra quarta série, foi na Olindina, é de lá que tenho maiores lembranças, pois minha professora Jucilene sempre me incentivou, gostava muito dela, e gosto né? Bom, era o percurso de ida e vinda que a gente em grupo íamos todos os dias, brincando pelos roçados, para o percurso ser menor, bons tempos, tirando quando chovia forte e o riacho aumentava o nível de água, e a gente tinha dificuldades para ir né? Depois fui estudar da quinta a oitava série no Neves, foi bom, e o Ensino Médio em Jucati no EREM, foram lugares de muita aprendizagem” (Raiane, 20 anos).

Mesmo em frente às dificuldades explicitadas em sua narrativa, ela apresentou uma educação pautada em ciclo escolar, que perpassou em sua vida. Quanto a definição de ciclo como modalidade para a organização escolar, Barretto e Sousa (2005), compreendem, que estes são:

alternativas de organização do ensino básico, que ultrapassam a duração das séries anuais como referência temporal para o ensino e a aprendizagem e estão associados à intenção de assegurar à totalidade dos alunos a permanência na escola e um ensino de qualidade (p. 660).

⁵ Escola da Comunidade, Escola Municipal Reunida Olindina Barros.

Além de destacar a educação por ciclo, Raiane trouxe outros elementos, tais como, dificuldade financeira da família, profissão dos pais (agricultores) e grande número de membros dentro de casa. É visto que, a agricultura seja a única forma de renda, para essa família, o que é também algo característico dessa localidade, e parece atrelar às dificuldades financeira desse lar.

A respeito do direito ao trabalho, a Constituição Federal de 1988 garante, conforme respaldado nos Princípios Fundamentais a dignidade da pessoa humana e os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, como também no seu Capítulo dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, determina que seja livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelece nos Direitos Sociais.

(BRASIL, 1988)

Essa mesma colaboradora traz em seu relato o destaque da Escola de Referência em Ensino Médio – EREM, como sendo um dos “*lugares de muita aprendizagem*” para a sua vida educacional, o ensino nessa escola, bem como sua bagagem educacional e cultural que adquiriu em todo o processo de escolarização, serviram como base para chegar à Universidade.

Sobre a educação integral e semi-integral no Ensino Médio, a Secretaria de Educação do estado de Pernambuco afirma que:

A Educação Integral em Pernambuco tornou-se Política Pública de Estado em 2008. O modelo fundamenta-se na concepção da educação interdimensional, como espaço privilegiado do exercício da cidadania e o protagonismo juvenil como estratégia imprescindível para a formação do jovem autônomo, competente, solidário e produtivo. Desse modo, ao concluir o ensino médio nas escolas de Educação Integral, o jovem estará mais qualificado para a continuidade da vida acadêmica, da formação profissional ou para o mundo do trabalho (PERNAMBUCO, 2019, p, 1)

Tornando-se política pública, as escolas de tempo integral ou interdimensional para o Ensino Médio em Pernambuco vieram atender outras necessidades dos alunos nessa etapa do ensino. Segundo dados estatísticos esse programa foi referência nacional, pois de acordo com o Censo Escolar do Governo Federal, o estado superou a media nacional dos índices de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), alcançando nota 4,0, enquanto no Brasil a média geral foi 3,5. Buscando melhorar a qualidade do ensino dessa rede estadual, esse programa, voltado para “o exercício da cidadania e do protagonismo juvenil”, conforme definido em sua página da internet, visa uma melhor qualificação e continuidade da vida acadêmica e preparação

para a vida profissional, assim como aconteceu com a Sra. Raiane. Dando continuidade às narrativas, foi pedido para que as colaboradoras discorressem sobre como eram as aulas durante o seu processo de escolarização. Na infância, a colaboradora M^a Aparecida nos relata que:

“Minha mãe era professora, e eu cuidava dos meus irmãos pequenos”. Quando os alunos dela, que era uma salinha pequena, que até hoje tem a casinha lá, que é ali, que era a casa de minha mãe. Naquela salinha, ela ensinava 1^a, 2^o, 3^o e 4^a série, tudo de uma só vez. Ai então, enquanto aquelas meninas da 4^a série dava o enfoque, elas davam de ensinar a meus irmãos, na outra salinha, elas dando aula pra eles, ai dando as letrinha. Ai, quando minha mãe vinha corrigir, ela não tinha tempo de ensinar a gente, não, não tinha tempo, [...] (M^a Aparecida, 76 anos).

Percebemos na narrativa da colaboradora, a presença de uma pequena sala de aula em que estudavam estudantes da 1^a a 4^a série juntos no mesmo espaço, o que parecia ser algo normal para época, hoje conhecidas como classes multisseriadas. De acordo com XimenesRocha e Colares (2013, p, 93):

As classes mutisseriadas caracterizam-se por reunir em um mesmo espaço físico diferentes séries que são gerenciadas por um mesmo professor. São, na maioria das vezes, única opção de acesso de moradores de comunidades rurais (ribeirinhas, quilombolas) ao sistema escolar. As classes multisseriadas funcionam em escolas construídas pelo poder público ou pelas próprias comunidades, ou ainda em igrejas, barracões comunitários, sedes de clubes, casas dos professores entre outros espaços menos adequados para um efetivo processo de ensino-aprendizagem. (XIMENES- ROCHA e COLARES 2013 *apud* AMORIM, 2015, p. 4).

Atualmente, como acontece no sistema de ensino de alguns estados brasileiros a maioria das salas de aulas são constituídas por turmas em que cada ano corresponde a uma idade previamente estabelecida. Portanto, essa prática narrada por Aparecida, mesmo em época diferente do que vai ser narrado pela colaboradora abaixo, as aulas também eram desenvolvidas em classes multisseriadas:

*[...] o que eu lembro ainda, da prática do... das professoras em sala de aula, diferencia um pouco da **prática de aula pela tecnologia que tem hoje, pela facilidade que tem hoje para propagar esse conhecimento, mas, mesmo assim, com toda dificuldade, os... as professoras conseguiam chegar aos seus objetivos, conseguiam alfabetizar um número bom de alunos, conseguia transmitir conhecimento aos alunos, né? e em alunos em salas multisseriadas, né? e mesmo assim eles conseguiam né? eu lembro que se dividia tempo pra... e tinham professores que deixavam e destinavam um espaço daquela aula pra***

trabalhar com as temáticas de bom convívio social, pra orientar as meninas, orientar os meninos, isso era muito importante sem propagar coisas de gêneros ou preconceitos feministas, já tinha professores que apresentavam essa preocupação em trabalhar, em trabalhar mesmo com tantas dificuldades, sem muitos materiais praticamente não existia livros didáticos, mas, o que chegava elas trabalhavam de forma brilhante”.(Salvani, 46 anos).

Observamos no relato de Aparecida que as aulas desenvolvidas em salas multisseriadas, que se davam desde meados dos anos de 1950 em um casarão da comunidade, ainda estão presentes nos relatos da Salvani, que vivenciou esse mesmo formato de aula há quase quarenta anos depois, por volta do final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, na única escola dessa comunidade.

Entretanto, Salvani, apresenta aspectos novos. Ela se refere à tecnologia e sua facilidade de aquisição de novos conhecimentos, todavia destaca que, independente dos recursos que se tem hoje, havia em sua época professores preocupados em desenvolver um melhor convívio social, com ênfase nas questões de gênero ou preconceito feministas. A tecnologia que ela se refere, ainda não é essa vivenciada no século XXI, ela parece ter clareza que atualmente existem outras possibilidades diferentes dos poucos recursos da sua época. E, sobre a questão de gênero e do preconceito, apesar dela não se referir ao aspecto legal, isso foi respaldado pela própria Constituição Federal de 1988, quando ao tratar dos princípios fundamentais, traz em seu Art. 3º, nos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: *“IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”*. Ratificando as ideias dos professores de sua época.

A Sra. Salvani, traz ainda um relato sobre preconceito social, racial e econômica, aspecto negativo vivido por ela.

“O que me influencia até hoje? tem sim essa... essa luta no ambiente escolar por igualdade social, racial, e econômica. Influencia muito até hoje né? desde de pequena eu via meus, minhas professoras combater o preconceito racial dentro do espaço escolar e isso eu trago até hoje na minha prática de magistério... que infelizmente é um país que deveria viver sua democracia mais Prática de preconceito... isso deve ser combatido e isso machuca.” (Salvani, 46 anos)

É percebido na narrativa de Salvani que ela vem buscar em suas práticas de magistério combater os vários tipos de preconceitos ainda existentes nos espaços educacionais.

Ainda sobre a relação de como aconteciam as aulas e a tecnologia citada, Marcella complementa com o seguinte comentário:

[...] Hoje eu vejo assim, que as aulas da gente eram mais puxadas, né?, embora hoje as tecnologias nos ajudem muito, mas antes o aluno tinha que realmente aprender a tabuada, realmente tinha que aprender a ler, e realmente ele tinha que escrever.[...]” (Marcella, 36 anos).

Marcella em sua narrativa aponta o rigor das aulas em relação aos dias atuais no que refere as práticas de leitura, escrita e do domínio da tabuada que eram “*mais puxado*”.

Percebe-se que estas habilidades são marcas enraizadas no nosso contexto educacional. É através da aquisição da leitura e da escrita que nos tornamos alfabetizados, pois, segundo Solé (1998, p, 50), “a alfabetização é domínio da linguagem falada, da leitura e da escrita. Uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa”. Assim, é na interação do homem com o homem e o homem na sociedade, que, este se desenvolve. (VIGOTSKI, 1984).

Além, de nos relatar sobre como foi o processo educacional, foi pedido, para que as colaboradoras nos falassem como as mesmas percebem a educação no contexto atual. Assim, Salvani narra o seguinte:

“Olha... eu queria avaliar de forma bem mais positiva, não pela prática docente né? ou não considerar... a dificuldade da comunidade escolar eu queria ser um ponto mais positivo pra falar mais infelizmente a educação ...tem...grandes professores, temos alunos com grande esforços e famílias tentando, lutando para que seus filhos sejam educados mas o que atrapalha tanto são os investimentos ainda né? a...o reconhecimento é...a valorização do magistério, a valorização da escola né? principalmente os ataques com as escolas públicas né? as escolas públicas, as pessoas que não conhecem as prática...docente, ver na escola pública como a escola que está denegrindo a imagem da família e na verdade é o contrário é a escola tentando consertar os erros de muitos né? cometem com os seus filhos né? estão tentando e não é o papel da escola ver... ter essa função de família ela está para contribuir com a família e não tá com esta responsabilidade.”(Salvani, 46 anos).

Salvani, relata que a educação não vai bem aos seguintes aspectos, a falta de investimento, reconhecimento e valorização do magistério, a não valorização das escolas públicas e o não papel da família na escola. Desse modo, percebe-se que a educação precisa ser organizada, ainda que, está respaldada na Constituição Federal de 1988 em seu Capítulo II dos direitos sociais no Art. 6º.

Referente ao último aspecto se faz necessário a articulação entre escola e família, pois para ter-se uma educação de qualidade, família e escola devem estar juntas, logo ambas se complementam. E, sobre a valorização do magistério e reconhecimento de uma classe, Paiva (2006, p, 11) acrescenta, “a luta pelo reconhecimento é também uma afirmação da diferença, uma vez que ela pede o reconhecimento da identidade específica de grupos”. Pois, o professor antes de tudo tem uma profissão e esta deve ser valorizada enquanto grupo e enquanto classe.

Como a educação atual é vista pelas colaboradoras a seguir:

*“Como eu falei pra você, não é culpa dos professores isso é culpa só do sistema, pois como falei, antes a gente passava por mérito, hoje passa por que o professor já não aguenta mais o aluno, por que o pai falou que o filho tinha reprovado três vezes, e foi na secretaria de educação, a secretaria resolveu mudar o sistema pra ele evoluir de ano, então... creio que sim, mas também **pra isso o sistema tem que mudar só um pouquinho**. Passar realmente quem merece, porque assim, formaria realmente profissionais capacitados”. (Marcella, 36 anos).*

*“Eu acredito que **precisa melhorar**, do que concerne na formação continuada dos professores, por que o professor que se formou anteriormente precisa ser um **docente pesquisador**, está atento às informações que estão sendo colocadas e os alunos deve ser estigados pelos professores, pais familiares a quererem aprender cada vez mais, e não ficar... como eu posso dizer... refêm apenas dos professores. Eles são um dos contribuintes, por que a gente vem de um berço familiar, ele é o primeiro âmbito que você aprende, perpassando pela escola, tem comunidade, mas acredito que a família seja uma dos principais”. (Raiane, 20 anos).*

Em todos os relatos das colaboradoras, quanto ao que percebem a educação no contexto atual, foi possível constatar que a Educação é vista por elas de maneira que deve melhorar, trouxeram apontamentos como “eu queria avaliar de forma bem mais positiva”, e “*precisa melhorar*”. São situações que requer atenção por partes de todos que fazem educação, pois os pontos negativos somam-se tanto nos espaços da escola, quanto na educação na sociedade.

Marcella, quando diz “antes a gente passava por mérito... hoje é culpa do sistema... passa por que o professor já não aguenta mais o aluno... porque o pai falou que o filho tinha reprovado três vezes”. A esse respeito, Paro (2001) diz:

Cada vez mais [...] o sistema seriado não se sustenta a luz da teoria pedagógica, tendo servido apenas para jogar sobre o aluno a culpa pela incompetência do

próprio sistema [...] em levá-lo a aprender [...] serve a uma concepção tradicional de escola fundamental, preocupada não em ensinar, mas em separar os alunos [...] esquecendo-se da característica básica do bom ensino (PARO, 2001, p. 26).

Como visto, Marcella, em conformidade com autor citado, ver o processo educacional permeado de contextos negativos, em que sempre busca-se culpar alguém ou algum mecanismo dentro do ensino. E, infelizmente, essa parece ser a realidade no concerne à educação não só dessa comunidade, mas de todo Brasil.

Todavia, Raine, a mais nova do grupo, apresenta dados que podem trazer esperança para uma melhor educação no país, ela se refere à figura do professor **pesquisador**, aquele que pesquisa e instiga seus alunos para novos saberes, aquele que em sua prática educativa gera esperança em busca de não provocar mais momentos de desesperanças.

Essa esperança que a educação é possível está presente nas histórias aqui narradas, na história dessas colaboradoras, na história dessa comunidade, na história dessas pesquisadoras, pois somos seres inacabados e sujeitos da nossa própria educação.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. (FREIRE, 1979, p.14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensado de alguma forma no outro, trazemos neste estudo reflexões de como se deu o processo de escolarização de moradoras do Sítio Cachoeira município de Jucati no agreste pernambucano, a partir da década de 1950 até a década de 2010. Pudemos perceber, através de narrativas das pessoas colaboradoras desta pesquisa que a Educação em si, tem muitos significados, esperanças, incompletudes e marcas de um tempo que não vivemos, mas que sentimos as emoções, como se tivéssemos feito parte desse tempo e dessas histórias.

A partir do uso do Método de História Oral, com ênfase na História de Vida, adentramos para a escuta dessas colaboradoras, uma vez que é uma história construída em torno de pessoas. Esse método, foi a base para desvelar as histórias de vida de moradoras do referido sítio, que foram aqui entrevistadas. Com este estudo percebemos mais ainda o quanto é gratificante escutar o outro,

ouvir, sentir o “tempo” vivido de uma pessoa. É próprio do método, permitir que as pessoas construam sua própria história.

Desse modo, a fim de conhecer os processos de escolarização das pessoas colaboradoras para esta pesquisa, buscamos em responder as seguintes indagações: Como foi a trajetória educacional a partir das memórias e experiências narradas? Se houve e, em caso positivo, qual ou quais fato(s) influenciou/influenciaram seu percurso educacional? E, se e como essa influência contribuiu para o processo de transformação da comunidade? Dessa forma, acredito que o objetivo foi alcançado. Sendo este, identificar, através das histórias e memórias narradas por atores que viveram a partir dessa época e nesse local, como eram desenvolvidas as práticas pedagógicas ao longo das suas trajetórias educacionais e quais as transformações ocorreram.

Assim, foi possível, através das memórias e experiências narradas, desvelar a trajetória educacional percorrida desde a década de 1950 até os dias atuais no sítio Cachoeira, município de Jucati em Pernambuco, e, através dos diferentes processos de escolarização das colaboradoras os fatos que influenciaram essa educação e a transformação da comunidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daiana Aparecida Marques do. Educação rural e as salas multisseriadas: uma reflexão sobre as políticas públicas para esse contexto. UFJF **37^a Reunião Nacional da ANPEd** – 04 a 08 de outubro de 2015, – Florianópolis: UFJF, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt14-4207.pdf>. Acesso em: 28 de jan. 2019.

ARAGÃO, Gilbraz. S. Religiosidade popular e a fé cristã. Departamento de Teologia. **Revista de teologia e ciências da religião**. Ano 1, nº 1 - Jan/2002. Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2002. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4214/4214.PDF>. Acesso em: 27 de jan. 2019.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; SOUSA, Sandra Zákia. Reflexões sobre as políticas de ciclos no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 659-688, set./dez. 2005.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, 05 out. 1988. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 01 de fev. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação: Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB nº. 9.394/1996, Secretaria de Educação: Brasília, 1996. **Ministério da Educação**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 07 de jan. 2019.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, nº 8.069 de 1990. **Presidência da República Casa Civil.** Brasília: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 27 de jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Secretaria de Educação de Pernambuco.** Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=70>. Acesso em: 07 de fev. 2019.

BRASIL. **Censo da educação básica:** 2018. Brasília: MEC/INEP, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32124?start=40>. Acesso em 08 de fev. 2019.

CALDART, Roseli. S. **A escola do campo em movimento:** Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), Brasil. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun, 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.htm>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Educação e mudança.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky. História pessoal e história intelectual. *In:* . OLIVEIRA, M. K.. **Aprendizado e desenvolvimento em processo sócio-histórico.** 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PAIVA, Angela R. **Apresentação.** *In:* MATTOS, Patrícia. A Sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser. São Paulo: Annablume, 2006.

PARO, Vitor Henrique. Estrutura da escola e da educação como prática democrática. *In:* CORREIA, Bianca Cristina; GARCIA, Teise Oliveira (Org.). **Políticas educacionais e organização do trabalho a escola.** São Paulo: XAMÃ, 2001.

PERNAMBUCO. **Secretaria de Educação de Pernambuco.** Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=70>. Acesso em: 07 de fev. 2019

SILVA, Aline et al. Reflexões sobre o método de história de vida. **Revista Mosaico:** estudos em psicologia, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/mosaico. Acesso em: 29 de jan. 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leituras.** 6ª ed.- Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva**: o olhar do mundo sobre o tempo infância. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, Paul. **História oral**: a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VASCONCELOS, Norma A. L. M de L. **Histórias e memórias de lideranças surdas em Pernambuco**. 2018. 278 f. tese (Doutorado) – Universidade de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos.

VIGOTSKY. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.